

Elevação da receita bruta com café em 2016 resulta em margens líquidas positivas

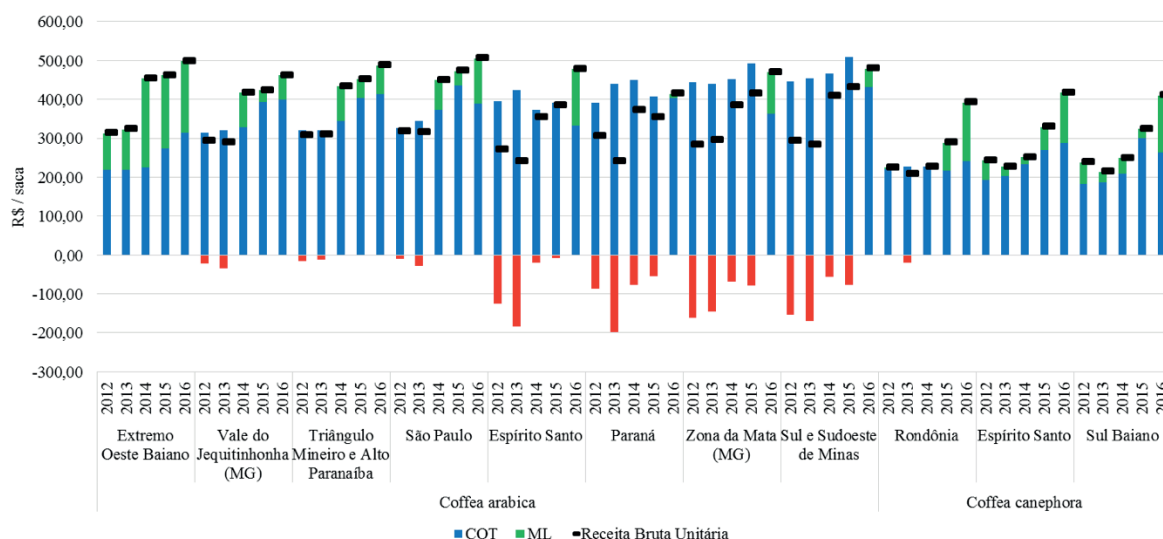
A baixa receita, oriunda dos baixos preços do café no Brasil nos anos de 2012 e 2013, resultaram em um cenário negativo para a maioria das regiões produtoras do país. No primeiro ano, as receitas brutas unitárias médias foram de R\$297,86/saca para o *Coffea arabica* (arábica) e de R\$235,42/saca para o *Coffea canephora* (*conilon*). Em 2013, houve redução pouco significativa, de 3,77%, na receita bruta média do café arábica e de 8,34% do *conilon*. Esses valores resultaram em Margens Líquidas (ML) negativas em 7 das 8 mesorregiões que produzem a primeira espécie e em 1 das 3 que produzem a segunda, como pode ser observado no Gráfico 1.

A partir de 2014, os preços começaram a reagir. Comparadas aos valores de 2013, as receitas brutas do arábica e do *conilon* registraram altas de 42,66% e 12,13%, respectivamente. Esse fato fez com que quatro das oito regiões produtoras de *Coffea arabica* com menor Custo Operacional Total (COT) apresentassem ML positiva: R\$227,54/saca no Extremo Oeste Baiano; R\$87,24/saca no Vale do Jequitinhonha (MG); R\$87,94/saca no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba e R\$77,16/saca em São Paulo. Nas regiões onde é produzido o *Coffea canephora*, Rondônia foi a única que não havia apresentado ML positiva em 2012, 2013 e 2014, fato que mudou

em 2015, quando a receita bruta unitária superou o COT em R\$70,64/saca.

A elevação da receita do produtor de café brasileiro em 2016 foi, em parte, causada pelo aumento significativo do preço do *conilon*, que se aproximou do valor de mercado do arábica. Condições climáticas desfavoráveis por três anos seguidos no Espírito Santo causaram uma redução na oferta do produto. Essas elevações nos preços das duas espécies produzidas no Brasil fizeram com que as Margem Líquidas (receita bruta unitária - COT) de todas as regiões analisadas encerrassem 2016 com valores positivos.

Gráfico 1: COT, Margem Líquida e Receita Bruta Unitária das principais regiões produtoras de café do Brasil de 2012 a 2016



Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA-CIM/UFLA | Elaboração: CIM/UFLA

Desvalorização do Real frente ao dólar aumenta custo de defensivos

De acordo com dados do Projeto Campo Futuro, os custos médios dos defensivos utilizados na produção do arábica e do conilon representaram em 2012, respectivamente, 5,78% e 3,28% do

Custo Total (CT) de produção. Como se pode observar no Gráfico 2, a espécie *Coffea canephora* possui gasto menor com produtos fitossanitários ao longo de sua produção.

A desvalorização do Real frente ao dólar no período analisado ocorreu a uma taxa média anual de 16,41%. Os custos médios dos defensivos acompanharam esse comportamento e apresentaram

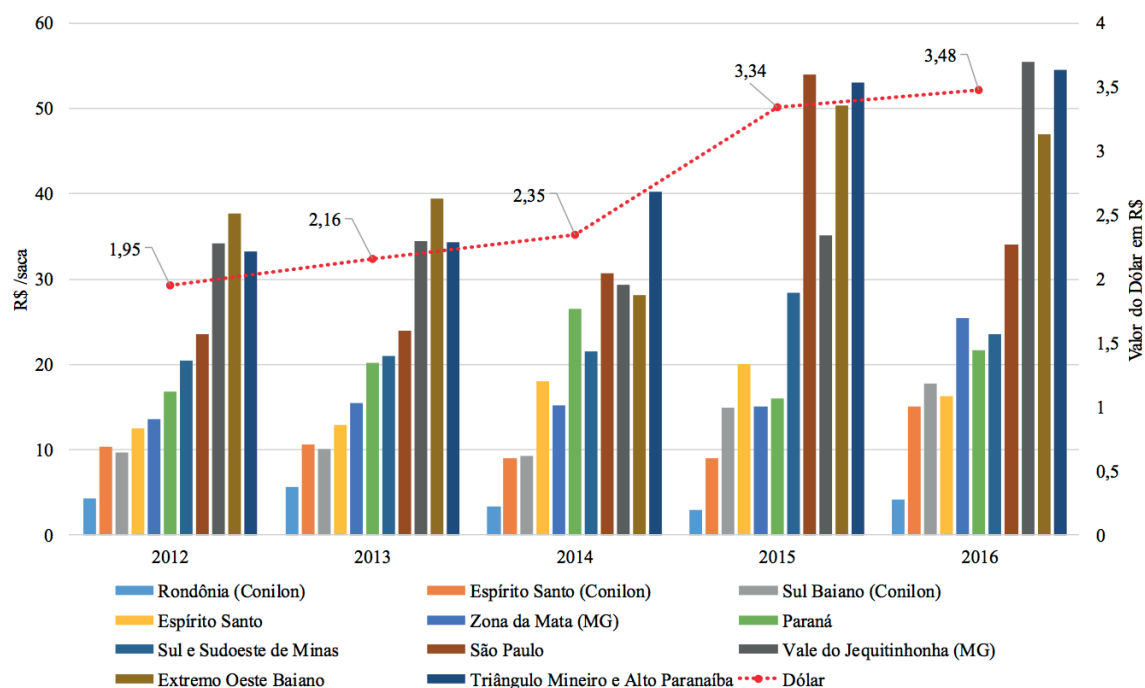
aumentos médios anuais para o arábica e o *conilon* de 13,12% e 12,68%, respectivamente.

A maior variação da taxa de câmbio foi observada de 2014 para 2015. O valor

médio da moeda americana passou de R\$2,35 para R\$3,34, elevação de 41,79%. Foi também o período da maior alta (54,56%) dos custos com defensivos no Sul e Sudoeste de Minas Gerais, São Paulo, Extremo Oeste Baiano, Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba,

de R\$30,17/saca para R\$46,44/saca nessas regiões que produzem o arábica. A região com maior aumento percentual nos custos dos defensivos foi a do Extremo Oeste Baiano, que passou de R\$28,17/saca para R\$50,34/saca, alta de 78,73%.

Gráfico 2: Custo com defensivos nas principais regiões produtoras de café do Brasil e valor do Dólar de 2012 a 2016



Fonte: Banco Central; Projeto Campo Futuro – CNA-CIM/UFLA | Elaboração: CIM/UFLA

Cenário favorável do preço da saca afasta possíveis efeitos negativos do aumento de custos dos fertilizantes na cafeicultura brasileira

A produtividade das lavouras de café brasileiras vem aumentando ao longo dos anos, comportamento que pode ser observado também no Gráfico 3 para a maioria das regiões produtoras de *Coffea arabica* e em uma das regiões de *Coffea canephora* analisadas. No caso do arábica, a única região que registrou queda na produtividade foi o Extremo Oeste Baiano, que caiu para 45 sacas/ha em 2016 frente a 50 sacas/ha produzidas em 2015. O Vale do Jequitinhonha (MG) e de São Paulo mantiveram suas produtividades em 30 sacas/ha e 33 sacas/ha, respectivamente.

Quanto ao *conilon*, houve alta significativa de produtividade em Rondônia de 31,01%, de 18 sacas/ha em 2012 para 50 sacas/ha em 2016. O Sul da Bahia e o Espírito Santo apresentaram recuo na produção por hectare e fecharam 2016 com

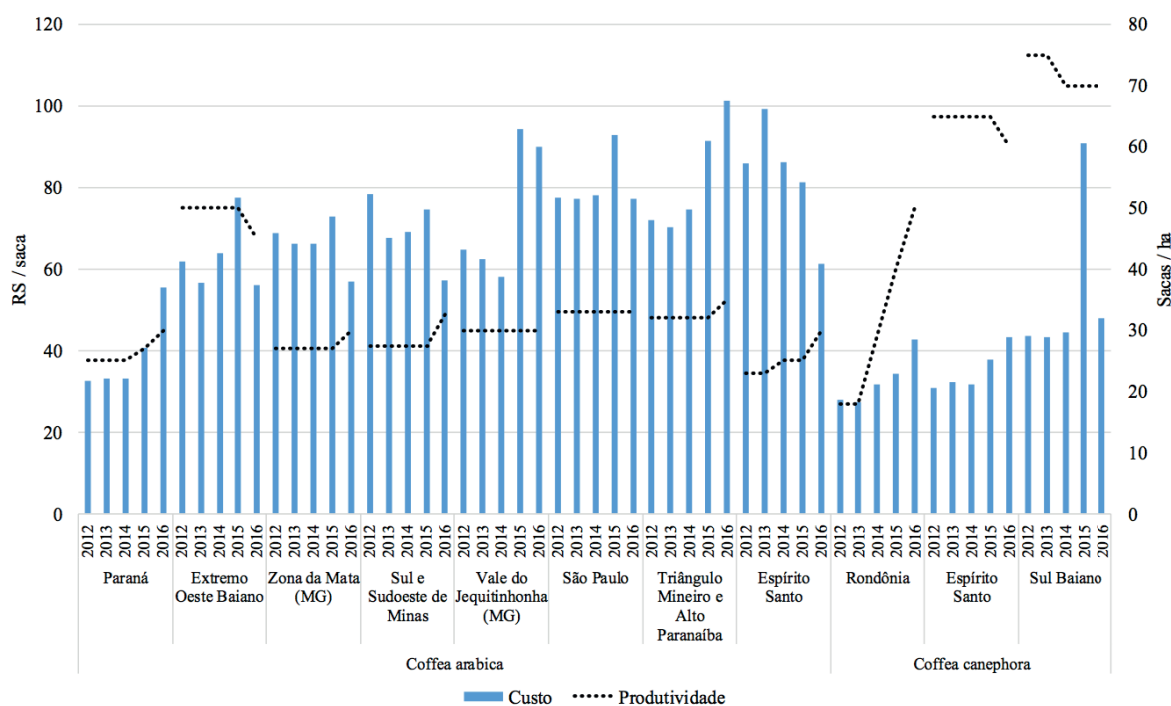
produtividades de 70 sacas/ha e 60 sacas/ha, respectivamente. É importante ressaltar que essa condição do *conilon* não contempla as graves secas que assolaram as regiões produtoras.

Analogamente ao comportamento da produtividade, o custo dos fertilizantes utilizados na produção das duas espécies de café vem aumentando a uma taxa média anual de 2,38% para o arábica e de 11,96% para o *conilon*. O estado que apresentou maior aumento (69,96%) no custo foi o Paraná, produtor de arábica, que passou de R\$32,66/saca em 2012 para R\$55,50/saca em 2016. A receita bruta obtida pelos produtores das duas espécies também apresentaram aumentos significativos nos últimos três anos. Em 2013, a receita bruta unitária do arábica e do *conilon* foram, em média, de R\$286,63/saca e R\$215,79/saca, respectivamente. Nos anos seguin-

tes, as receitas subiram a uma taxa média de aumento anual de 13,80% para a primeira e 15,77% para a segunda espécie, sendo comercializados, em 2016, por R\$474,09/saca e R\$406,13/saca.

Com o aumento dos custos de fertilizantes, espera-se uma diminuição da quantidade aplicada e, conseqüentemente, uma redução na produtividade da lavoura. Porém, conforme dados apresentados no Gráfico 1, a receita bruta unitária do café vem subindo desde 2014, permitindo maior investimento em tecnologias e fertilizantes por parte dos cafeicultores brasileiros. Este fato contribuiu com o aumento de produtividade registrado no período analisado tanto para o arábica quanto para o *conilon*, que apresentaram crescimentos médios anuais de 2,39% e 9,14%, respectivamente.

Gráfico 3: Comportamento do custo de fertilizantes e produtividade nas principais regiões produtoras de café do Brasil de 2012 a 2016



Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA-CIM/UFLA | Elaboração: CIM/UFLA

Exportação do café brasileiro para países asiáticos é quase o dobro de 2006

Atualmente, cerca de 2/3 das importações mundiais de café verde são feitas pelos países da União Europeia e os EUA. No entanto, espera-se que a Ásia ganhe cada vez mais importância no mercado devido a uma combinação de crescimento econômico e grande contingente populacional. O aumento da demanda por grãos no continente já é perceptível nas estatísticas e constitui uma oportunidade para os países exportadores.

O Bureau de Inteligência Competitiva do Café analisou dados de exportação do Brasil e de seus principais competidores para os maiores mercados asiáticos. O propósito é avaliar a inserção do café brasileiro na região e seu desempenho face aos concorrentes.

A análise foi feita a partir dos números dos quatro maiores exportadores mundiais de café para o conjunto de cinco dos maiores importadores da Ásia. Segundo

dados da plataforma Comtrade, os quatro maiores exportadores de café verde em 2015 foram Brasil, Vietnã, Colômbia e Indonésia. No mesmo período, os maiores importadores foram Japão, Filipinas, China, Coreia do Sul e Malásia. Foram analisados os dados do período entre 2006 e 2015, de acordo com o Gráfico 4.

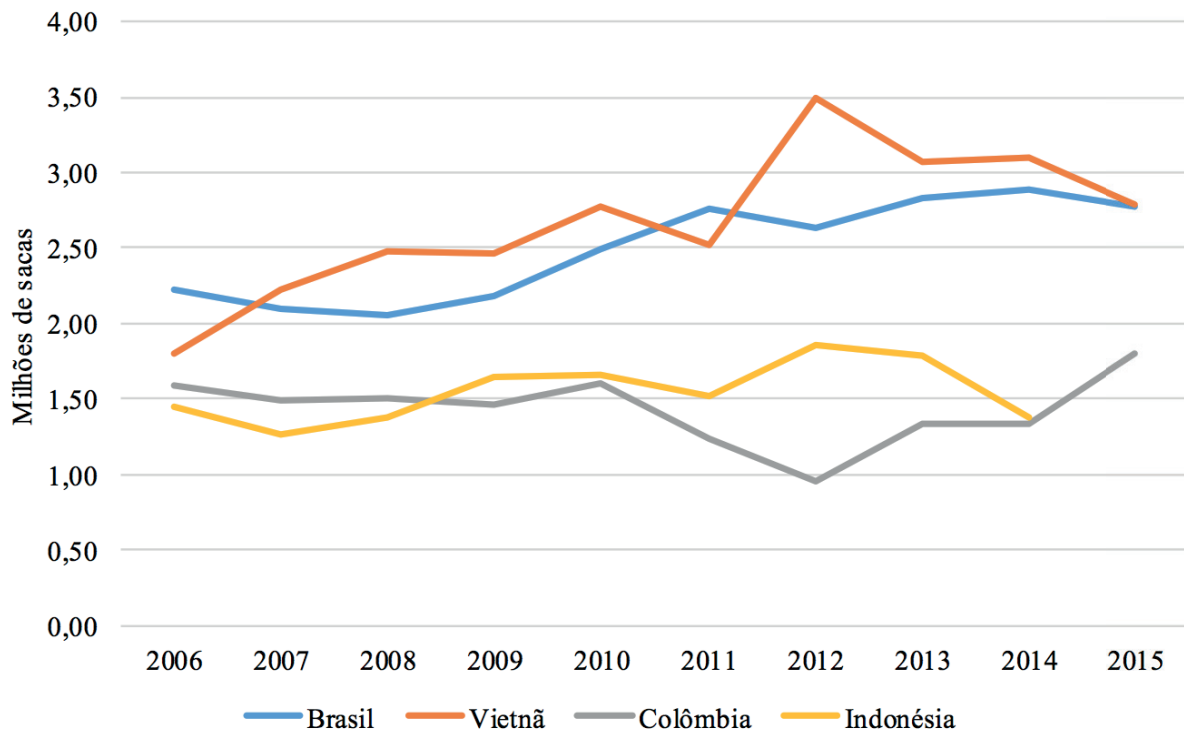
Nesse intervalo, as importações totais dos cinco países apresentaram incremento de 27,95%. No Gráfico 5, podemos observar que o Japão importou mais da metade de todo o café do conjunto em 2015, mas seu crescimento em relação a 2006 foi de apenas 3,27%. Os destaques foram a China e a Malásia, com ganhos de 217,81% e 139,90%, respectivamente. Filipinas e Indonésia apresentaram crescimento próximo a 60%.

No período em questão, as exportações do Vietnã para os cinco países aumentaram 54,79%. O Brasil aparece em segui-

da, com 24,84% de incremento. As vendas da Colômbia aumentaram 13,28% e a Indonésia obteve redução de 5,54%. Esses dados mostram que o Vietnã se beneficiou da proximidade geográfica e da grande demanda por café robusta, que é o mais utilizado pela indústria da região.

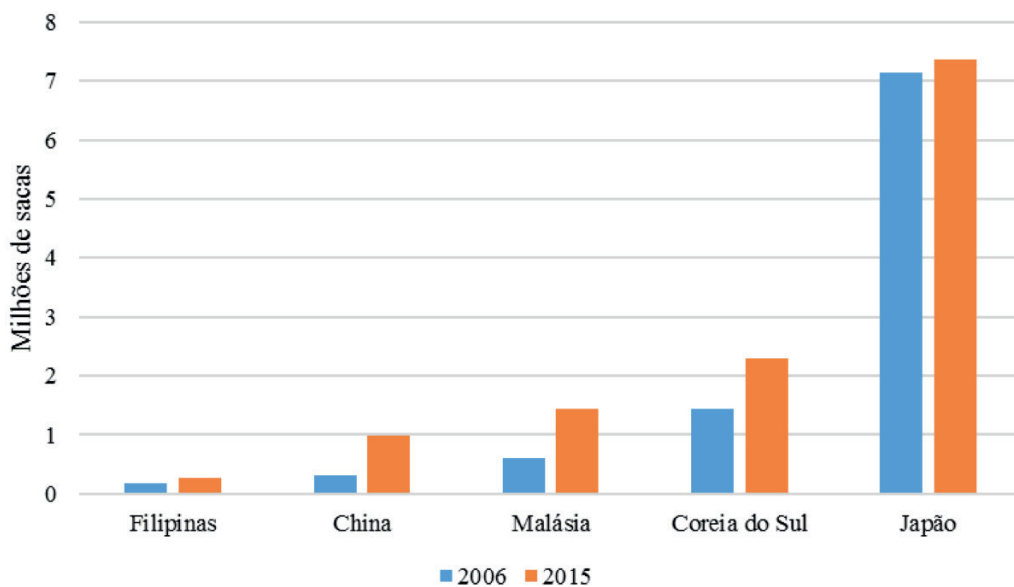
O desempenho do Brasil pode ser considerado satisfatório. As exportações brasileiras aumentaram quase na mesma proporção do aumento nas importações do conjunto de cinco países. Isso indica que o café brasileiro não perdeu espaço entre os principais importadores asiáticos. Embora a maior parte das exportações nacionais seja direcionada para Europa e Estados Unidos, é importante abrir mercado na Ásia, onde ocorrerá boa parte do aumento da demanda por café nas próximas décadas. 🌱

Gráfico 4: Exportação de café brasileiro para Japão, Filipinas, China, Coreia do Sul e Malásia



Fonte: Comtrade; Projeto Campo Futuro – CNA-CIM/UFLA | Elaboração: CIM/UFLA

Gráfico 5: Importação de café brasileiro por Filipinas, China, Malásia, Coreia do Sul e Japão



Fonte: Comtrade; Projeto Campo Futuro – CNA-CIM/UFLA | Elaboração: CIM/UFLA